

UMA EDIÇÃO DE PAIXÃO

*Ida Ferreira Alves**

O trabalho de pesquisa sobre o século XIX português em relação a conjuntos de correspondência de seus principais escritores exige grande dose de dedicação e paciência em busca de informações e confrontos suficientes para recuperação de histórias de vida e compreensão de contextos sociais específicos já afastados no tempo. O tratamento crítico desse tipo de material requer o conhecimento seguro sobre o contexto histórico-cultural em que se produziu e a utilização de um aparato metodológico cuidadoso, para que a pesquisa demonstre o seu alcance e a contribuição possível no exame de um gênero de escrita tão marcado pela subjetividade como é, sem dúvida, o discurso epistolar.

Mas é certo também que o trabalho com a correspondência de escritores possibilita, por vezes, uma boa narrativa de certo suspense com personagens reais, situações curiosas, revelações inesperadas que acabam por transformar o esforço de pesquisa numa experiência de prazer sobre a *escrita do eu*. Além disso, essa escrita fascina pela habilidade em registrar para o futuro as vozes daqueles que, sem isso, ficariam aprisionados em páginas de histórias literárias, como nomes consagrados, sim, mas reduzidos a seres de papel apenas.

A edição brasileira¹ de 22 cartas de amor de Almeida Garrett a Rosa Montufar, recém publicada pelo professor de Literatura Portuguesa da UERJ, ensaísta e poeta Sérgio Nazar David, com apoio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (Lisboa) é a soma desses atributos, configurando-se como uma edição de paixão, e assinalando com valor os 150 anos da morte do autor ocorrida em 09 de dezembro de 1854. Paixão que se percebe no modo como o organizador cuidou da edição e preparou a alentada introdução; paixão

* Professora de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Núcleo "Literatura Portuguesa" do PPRLB - Real Gabinete Português de Leitura.

¹ GARRETT, Almeida. *Cartas de amor à Viscondessa de Luz*. Introdução, organização, fixação do texto e notas de Sérgio Nazar David. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

que salta das linhas cruzadas² dessas cartas apaixonadas que um dos maiores da cultura portuguesa enviou à mulher amada. Para além de acompanharmos as intensas declarações de um amante, encontramos também nessas cartas tão pessoais a reflexão garrettiana sobre os impasses do amor e do desejo frente aos valores e convenções de seu tempo, que igualmente marcam a sua produção poética em geral. O apaixonado por uma mulher casada precisa, de alguma forma, redimir a relação condenada socialmente e, para isso, desloca-se para o espaço da “alma”, para a idealização da mulher: “Tu já não és só a minha amante, a mulher a quem dei para sempre o meu coração: és mais que isso, és realmente esposa da minha alma, aquela a quem tenho consagrado a minha existência, e para quem somente quero viver.” (p. 103), ou

Ouve, escuta e compreende-me bem, anjo, amor divino, rosa adorada. Quando estou feliz, contente, és a minha Gisela, quando chamo por ti na seguridade da ventura, és o meu amor, és tudo quanto há de belo, de amado, de querido. Mas quando me sinto infeliz, quando por qualquer motivo se cava esta profunda melancolia de minha alma que às vezes parece quer matar-me, então não tens tu senão um nome único, um só pelo qual te chamo, te invoco - é o de Esposa. (p. 176)

Sérgio Nazar, na continuidade de seu trabalho de investigação, já de alguns anos, em torno da obra de Almeida Garrett, considera que a correspondência confirma a tese de que a dificuldade amorosa garrettiana deve ser compreendida pela impossibilidade da sexualidade. “[...] O que parece ser insuportável é exatamente amar e desejar sexualmente. Nas cartas, porque parece se sentir incapaz de renunciar ao desejo sexual, precisa então chamar-lhe de ‘esposa’. [...]” (p. 62)

Sem dúvida, essa tese bem pode ser defendida pelo teor das cartas, mas o organizador não impõe ao leitor sua proposta de compreensão, deixando que a leitura se realize também em liberdade, pois, na parte de transcrição dos manuscritos, a presença do organizador e analista é bastante discreta, evitando sobrecarga de notas e interferências explicativas. As notas existentes ao fim de cada carta garantem o cuidado da transcrição, o respeito aos originais consultados e esclarecem determinadas referências políticas, históricas e sociais, sem impor uma interpretação determinada do conteúdo. Sérgio Nazar, em entrevista ao

² O organizador demonstra por esquemas e também reproduções fotográficas que Garrett escrevia, por vezes, em direções sobrepostas: vertical sobre horizontal, diagonal sobre horizontal.

Diário de Notícias de Lisboa (9/12/2004), explicou um pouco de seu projeto de edição: “Eu procurei manter, na minha edição, a pontuação e a paragrafação de Garrett, não actualizei os termos de época, recompus os enganos e lapsos da transcrição de Carreiro. Além disso, acrescentei notas que esclarecem muito a situação política da época, referida vagamente em alguns trechos da correspondência. Procurei dar ao leitor ainda uma ideia da organização de cada carta no papel. E na introdução, além das informações biográficas, fiz uma leitura interpretativa, das cartas, em conexão com as *Folhas Caídas*”. Mas essa leitura geral não impede que o diálogo entre os apaixonados seja seguido em silêncio e compreendido “segundo o amor tiverdes”.

Na parte introdutória, entretanto, o organizador está bem e seguramente presente, fazendo uma apresentação biográfica bastante inteligente em torno do homem e escritor e da paixão que transtornou a razão garrettiana. Essa grande introdução de 75 páginas organiza-se em três momentos: no primeiro, “Garrett – 1799 / 1845”, o leitor depara-se com uma detalhada biografia historico-social garrettiana, com reflexo nas suas principais obras literárias. No segundo momento, “Garrett e a Viscondessa da Luz – a história dos manuscritos, o romance e a recepção de *Folhas Caídas*”, o organizador procura demonstrar a conexão entre a relação amorosa de Garrett e Rosa Montufar e o sucesso de *Folhas Caídas* logo na 1ª edição. Sérgio Nazar historiciza o romance entre os dois, os percalços dos manuscritos e as relações possíveis entre a correspondência amorosa e a poética garrettiana, com ênfase em *Folhas Caídas*, acompanhando de perto as indicações biográficas de Gomes de Amorim sobre Garrett, o romance e a recepção dessa obra poética. No terceiro momento, “Garrett – 1846 / 1854”, segue os últimos anos de vida do escritor e o desenlace do romance. De forma detalhada, mas num texto muito objetivo e firme nas informações e comentários da análise sócio-histórico-literária, Sérgio Nazar cruza histórias sobre histórias em torno de Garrett e de Rosa Montufar, expandindo seu olhar também sobre a obra múltipla do escritor português. Além disso, o leitor acompanha o percurso necessário para a realização desse tipo de edição, os problemas e soluções encontrados, lembrando que as 22 cartas tiveram uma primeira edição em 1954, por José Bruno Carreiro, 100 anos depois da morte do escritor. A edição que temos agora em mãos confronta essa edição impressa com os manuscritos que integram o acervo de manuscritos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponte Delgada (Ilha de São Miguel, Açores), demonstrando-se equívocos anteriores de leitura e mesmo omissões de frases completas.

Até que ponto essa nova edição da correspondência amorosa de Garrett pode render frutos? Sim, alguns, se deixarmos de lado a visão do amante e buscarmos em sua escrita um espaço cênico fundamental em que o Amor trava

discussões com a razão, a sociedade e a moral. As cartas assim esquadrihadas permitem-nos compreender melhor a poética garrettiana e os valores que dirigiram seu pensamento social e político em torno do valor da liberdade de ser e de agir. Por isso tem razão o organizador, quando entrevistado por Ana Marques Gastão para o *Diário de Notícias* de Lisboa (09/12/2004) sobre a importância dessa correspondência amorosa para compreensão da biografia garrettiana, respondeu: “É difícil, do ponto de vista factual, acrescentar algo à biografia de Garrett. Está tudo no Gomes de Amorim. Talvez a leitura que faço das *Folhas Caídas*, em íntima conexão com as cartas de Garrett, traga um dado interpretativo novo à biografia de Garrett. À história literária sim, acrescenta-se um dado que nos ajuda a compreender a concepção de amor da obra de Garrett. Eu acrescentaria, entretanto, que temos aqui também um importante documento para a história das ideias do século XIX.”

Cartas de amor à Viscondessa da Luz é, portanto, uma contribuição relevante aos estudos garrettianos e aos estudos sobre o discurso amoroso, optando por ser uma obra em aberto em busca de novos leitores interessados.